

Memórias sobre a dor: alteridade, autolesão e escrita

Roberta Vieira*
Lourenço Chacon**

Resumo

As autolesões caracterizam-se como cortes e outros ferimentos realizados na própria pele. Partindo da hipótese de que a linguagem – neste caso, em seu acontecimento – pode ser um lugar privilegiado para a significação da dor, o objetivo deste estudo foi investigar possíveis marcas de alteridade (entre a atualidade e a memória discursiva) na representação escrita da autolesão, ou seja, no acontecimento (escrito) sobre a autolesão. Sob enfoque linguístico-discursivo, no qual a escrita é entendida como acontecimento, ou seja, como “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16), foi observada a relação de alteridade entre o que se mostrava na materialidade linguística dessa escrita e as formações ideológico-inconscientes que constituíam/determinavam o que emergia e o que era apagado nela. Compuseram o *corpus* 29 escritos (aqui, entendidos como acontecimentos – Pêcheux, 2015) produzidos digitalmente por uma adolescente que realizava autolesões, atendida por uma fonoaudióloga em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). Em 12 destes escritos, foram encontradas marcas linguísticas da autolesão. Destes, em sete, a escrita as revivia e, em cinco, as resignificava. Vistos como acontecimentos, foram encontradas, nesses escritos, marcas de (sua) alteridade com: (i) os discursos da biomedicina, do emagrecimento do corpo e da tradição judaico-cristã da culpa; (ii) pré-construídos discursivos; e (iii) o sujeito terapeuta. A escrita pode ocupar, pois, conforme a hipótese que orientou a investigação, um lugar privilegiado para a significação dessa forma de dor – a autolesão.

Palavras-chave: autolesão; escrita; acontecimento; alteridade; discurso.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos (UNESP) e fonoaudióloga clínica. Atua como fonoterapeuta clínica, atendendo crianças e adolescentes com queixas relacionadas à linguagem em intersecção com o sofrimento psíquico. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0311-6774>.

** UNESP e UFBA. Livre-docente em “Linguística em Fonoaudiologia”. Investiga instabilidades da linguagem na fala e na escrita de crianças. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8000-7672>.

Memories of Pain: Alterity, Self-Injury and Writing

Abstract

Self-injury is characterized by cuts and other injuries inflicted on one's own skin. Based on the hypothesis that language – specifically in its written occurrence – can serve as a privileged space for the signification of pain, the aim of this study was to investigate possible traces of alterity (between present experience and discursive memory) in the written representation of self-injury, that is, in the event concerning self-injury. From a linguistic-discursive perspective, in which writing is understood as an event – “a meeting point between a present and a memory” (Pêcheux, 2015, p. 16) – the study examined the relationship of alterity between what appeared in the linguistic materiality of the writing and the ideological-unconscious formations that constituted/determined what emerged and what was erased within it. The *corpus* was composed of 29 pieces of writing (here understood as events – Pêcheux, 2015) digitally produced by an adolescent who engaged in self-injury and was being treated by a speech-language pathologist at a Child and Adolescent Psychosocial Care Center (CAPSij). In 12 of those pieces, linguistic markers of self-injury were found. Of those, 7 pieces re-experienced the act, while 5 re-signified it. Viewed as events, those writings revealed traces of its alterity in relation to: (i) discourses of biomedicine, body slimming, and the Judeo-Christian tradition of guilt; (ii) discursive pre constructions; and (iii) the therapist-subject. Writing, therefore – according to the guiding hypothesis of this research – can indeed occupy a privileged place for the signification of this form of pain: self-injury.

Keywords: self-injury; writing; event; alterity; discourse.

Recebido em: 17/06/2025 // Aceito em: 27/11/2025

Introdução

A dor é um fenômeno de extensão ampla e pode ser concebida em dimensão tanto física quanto psíquica (Berlinck, 1999), com íntima relação entre ambas. Exemplos de tal relação seriam (i) a manifestação da dor na fibromialgia, que, embora se mostre como dor física, “espalhando-se por todo o corpo, possui uma grande proximidade com a depressão e a angústia” (Berlinck, 1999, p. 48) e, ainda, (ii) a manifestação da dor de cabeça, que “possui uma intensa e íntima relação com a subjetividade” (Berlinck, 1999, p. 48). Devido a essa inter-relação, a dor pode ser considerada como “signo de sofrimento” (Minatti, 2012, p. 825).

Neste trabalho, olharemos para uma forma bastante intrigante de representação da dor, uma vez que se marca no corpo – portanto, se mostra como dor física –, mas denuncia intensa dor psíquica. Trata-se de cortes e de outras feridas autoprovocadas na pele – prática conhecida como autolesões. Sob enfoque linguístico-discursivo, analisaremos escritos de uma adolescente que pratica autolesões. Destaque-se que o que entendemos como enfoque linguístico-discursivo é a relação entre o que se mostra na materialidade linguística e as formações ideológico-inconscientes – constitutivas da memória discursiva – que determinam o que emerge e o que é apagado nessa materialidade¹.

Antes, porém, de apresentarmos as bases teóricas que sustentarão nosso enfoque, faremos uma breve descrição

¹ Investigações orientadas por esse enfoque têm sido desenvolvidas no Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (o GPTEL/CNPq), como os de Chacon (2021, 2023) e Lopes-Damasio e Pedro (2024). Destaque-se que tais investigações voltam-se para escritas iniciais de crianças, produzidas em contexto escolar. Diferentemente, na investigação aqui descrita, amplia-se tanto o tipo de material (agora de escritos produzidos em contexto digital) quanto o tipo de questão (a escrita na relação com a dor psíquica).

sobre o modo como os cortes/ferimentos no próprio corpo são compreendidos na literatura. A esse respeito, duas vertentes teóricas predominam. A compreensão que uma tem deles é mostrada, predominantemente, em trabalhos publicados em campos como os da psiquiatria e de parte da psicologia. Já a compreensão que a outra tem desses cortes/ferimentos é mostrada, predominantemente, em trabalhos publicados em campos como os da antropologia e da psicanálise. Vejamos como tais vertentes os abordam e quais apontamentos, nelas, são direcionados às possíveis relações entre cortes/ferimentos e a linguagem.

Na primeira vertente, eles são conceituados como automutilação e autolesão e entendidos como um comportamento intencional de dano, de modo autoinfligido, na superfície do corpo. Podem causar sangramento ou contusão. Exemplos de práticas autolesivas seriam cortar – apontada como a prática mais frequente –, queimar, bater ou esfregar excessivamente a pele (American Psychiatric Association, 2023; Guerrero *et al.*, 2024). Tais práticas estariam associadas a outras formas de dor, como depressão, ansiedade, dificuldades nas relações interpessoais e transtornos alimentares. Estariam, ainda, relacionadas a dificuldades na chamada “regulação emocional” e seriam realizadas como uma estratégia de enfrentamento diante de “estados de dor psicológica avassaladora” (Park; Wyman; Beauchaine, 2023, p. 3), fornecendo uma forma de alívio para a dor (Guerrero *et al.*, 2024).

Vê-se, em trabalhos dessa vertente, que os cortes/ferimentos são concebidos como um comportamento intencional. Logo, tal concepção sustenta-se numa visão, nunca explicitada, de sujeito consciente, ou seja, centrado – que teria intenções; portanto, faria escolhas em relação

a cometer, ou não, os ferimentos na própria pele. Note-se, também, nessa vertente, um paralelo entre cortes/ferimentos e dor psicológica; no entanto, tal relação não é suficiente para pôr em questão a ideia da intencionalidade do sujeito.

Ainda nessa vertente, encontramos trabalhos que mencionam possíveis relações entre cortes/ferimentos e linguagem. Na assim nomeada “automutilação não suicida” no adolescente, este buscaria “alívio imediato diante de um evento que lhe desperte inúmeros afetos negativos, para os quais não encontra outra via de expressão” (Mühlen; Câmara, 2021, p. 137-138). Podemos inferir, a partir de “via de expressão”, uma possível relação desses cortes/ferimentos com a linguagem.

Conceituando-as como “autolesões não suicidas”, Nock *et al.* (2008) as entendem como uma forma de comunicar, influenciar e conectar-se com outras pessoas em diferentes contextos de vida. Tal comportamento ocorreria quando o que chamam de tentativas menos extremas de comunicação (como falar, gritar e chorar) não oferecem resultados positivos. De acordo com estudos produzidos nessa vertente, haveria, portanto, uma “falha” ou uma “falta” na linguagem, que levaria à realização da prática autolesiva (entendida em tal vertente como comportamento).

Já na segunda vertente, distinguem-se marcas corporais que teriam aceitação social – como tatuagens e *piercings* – de marcas que apresentariam uma relação com a dor psíquica – como os cortes e outros ferimentos na pele (Araújo, 2019; Le Breton, 2010). Estas últimas recebem nomenclaturas diferentes, como automutilação ou autolesão (Araújo, 2019; Coutinho; Madureira, 2021), escarificações (Demantova, 2020; Le Breton, 2010),

ou, ainda, ato de cortar-se (Venosa, 2015)². Nesses trabalhos, observa-se outra concepção de sujeito: diferentemente do sujeito centrado, apresentado na primeira vertente, trata-se aqui de um sujeito descentrado, constituído na/pela alteridade.

Nomeando os cortes/ferimentos na pele como automutilação, para Araújo (2019), haveria neles um endereçamento ao outro:

Um corpo todo machucado talvez não produza sentido se não tiver alguém para olhar ou se não provocar alguma narrativa. Cicatrizes são rastros. Mas elas, por si só, ou em si mesmas, talvez não signifiquem nada. Como uma escrita sem leitor. (Araújo, 2019, p. 116).

Caracterizando-os como escarificações, Le Breton (2010) enumera atos como bater a cabeça ou a mão contra uma parede, queimar-se com cigarro ou fazer inscrições cutâneas (com uso de compasso, vidro, navalha, faca...). Direcionando seus estudos ao período da adolescência, o autor afirma que tais inscrições na pele provocariam um choque contra o mundo, de tal modo que, ao se machucarem, os adolescentes

recuperam o controle de uma emoção poderosa e destrutiva, eles procuram uma contenção e encontram então a dor ou os ferimentos. Conjuração de impotência por um desvio simbólico que os permite ter controle sobre uma situação que lhes escapa. (Le Breton, 2010, p. 26).

No mesmo estudo, o autor observa que “o jovem exterioriza alguma coisa de seu caos interior a fim de vê-la mais claramente, ele reproduz em ato uma impossibilidade de dizer as coisas ou de transformá-las” (Le Breton, 2010, p. 27). Interpretando escarificações como possibilidades de significação da dor, esse autor vai mais além: “Onde as palavras falham, o corpo fala, não para se perder, mas para

² Apesar da manutenção do termo “autolesão”, utilizado na primeira vertente, a segunda vertente opera com distanciamentos conceituais bastante distintos nessa manutenção, conforme veremos adiante.

encontrar marcas, restaurar uma fronteira coerente e propícia em relação ao mundo exterior” (Le Breton, 2010, p. 27).

Note-se que os autores mencionados concebem os cortes/ferimentos como marcas que relacionam sujeito-exterior. Há, portanto, um outro a quem os cortes/ferimentos seriam direcionados (um leitor) e, ainda, algo que faria o papel de contenção e de estabelecimento de fronteira com o interior (algo do mundo exterior). Os cortes/ferimentos na pele ganham, assim, conotação de significação da dor e emergem numa relação de alteridade com um outro ao qual a marca se direcionaria, ou numa relação da dor do eu com o mundo. Além disso, é possível observar que tais autores concebem a alteridade nas possíveis relações entre cortes/ferimentos e linguagem. Nesse sentido, eles ocorreriam pela relação de “falha” com a simbolização da dor, seja na relação com o outro (o leitor que recebe a significação como corte), seja na relação com a própria língua – “quando as palavras falham, o corpo fala” (Le Breton, 2010, p. 27).

Relações que podem ser entendidas como de alteridade são, ainda, identificadas em Demantova (2020), que também utiliza o termo escarificações e, assim como Le Breton (2010), também direciona seus estudos para o período da adolescência. Nesse estudo, a autora propõe uma reflexão sobre a concepção de corpo na atualidade:

Ao se sentirem mal na própria pele, os sujeitos que se escarificam parecem mostrar as falhas de uma sociedade onde a dimensão da imagem é supervalorizada e predomina certa exigência de se sentir bem, equilibrado e adaptado a todas as situações, não havendo espaço para sentir e falar sobre tristezas e angústias. (Demantova, 2020, p. 19).

Vemos que questões sociais são consideradas ao se pensar sofrimento e cortes/ferimentos na pele. Mais que uma marca individual, na chamada escarificação, se detectaria o que poderíamos entender como uma marca de inscrição histórica, já que se assume o modo como a sociedade se relaciona no tempo histórico atual. Temos, portanto, um “eu” (representado pelo adolescente que se corta) constituído por um “outro” (representado, aqui, pela sociedade e pela história).

Ainda outra relação de alteridade é observada em trabalhos dessa segunda vertente, como vemos, por exemplo, em Venosa (2015). Compreendendo os cortes/ferimentos na pele como “ato de cortar-se”, a autora relaciona tal ato ao inconsciente:

enquanto o ato de cortar-se continua repetidamente sendo um recurso da pessoa para tentar dar conta de seu sofrimento, isto significa que este ato não efetivou uma *marca-cicatriz* a fim de promover novas ligações psíquicas. Ou seja, não há *elaboração*, e algo falha neste ato, algo que não é do mesmo lugar, por exemplo, da falha na fala (ato falho). (Venosa, 2015, p. 69).

Observa-se que, na relação entre linguagem e inconsciente, a manutenção do ato de cortar-se estaria relacionada à não emergência do sofrimento enquanto fala (nem mesmo enquanto ato falho – a fala que escapa ao sujeito, trazendo pistas de questões inconscientes). Assim, a autora se afasta completamente da concepção de sujeito centro e assume o ato de cortar-se como uma marca da dor que não pôde ser “elaborada” na e pela linguagem.

Em síntese, a principal distinção em relação à primeira vertente é a de que, tanto na antropologia quanto na psicanálise, os cortes/ferimentos não são entendidos como um comportamento, mas como um modo de significar a dor. Com esse deslocamento teórico, temos uma importante mudança na concepção de sujeito e no modo como tais trabalhos relacionam cortes/ferimentos e linguagem.

Por último (e, para nós, o mais importante, dado o enfoque linguístico-discursivo que o orienta), apresentamos o trabalho de Assumpção (2016), que concebe os cortes e outros ferimentos na pele como signos e, o sujeito, como descentrado. Nesse trabalho, a autora categoriza tais cortes/ferimentos como “automutilação” e os entende como um modo de resistência do sujeito ao grande Outro da contemporaneidade, que exerce um apelo ao gozo³. Segundo a autora, as formações discursivas, que outrora eram determinadas pelas instituições, as quais exerciam um papel de recalque, hoje se modificaram:

O mote é: goze a qualquer preço! Sem limites! Logo, pela falta de uma falta simbólica, emerge um gozo excessivo, um sujeito do excesso. [Portanto], a configuração da ordem sócio-histórica é a responsável pelo aumento crescente dos casos de automutilação. (Assumpção, 2016, p. 84)⁴.

Em suma, retomando concepções da segunda vertente, vemos que, na constituição do sujeito – nesse caso, o sujeito que se corta/fere –, detecta-se a (sua) alteridade com: o outro imediato, a quem o corte se destina (Araújo, 2019); as relações sociais e a história, representadas, por exemplo, pelo “mundo exterior” (Le Breton, 2010) e pela sociedade (Demantova, 2020); o inconsciente, representado pela tentativa falha – na realização do ato de cortar-se – de “promover novas ligações psíquicas” (Venosa, 2015); e a ideologia, representada pela ordem sócio-histórica e pelas instituições (Assumpção, 2016).

Trata-se de concepções em conformidade com o modo como concebemos o sujeito e como olhamos para a linguagem

³ Apresentaremos, adiante, o conceito de Outro.

⁴ Como veremos adiante, as formações discursivas regulam as materializações linguísticas em determinada formação ideológica. Em outras palavras, no interior de uma formação discursiva, estão as coerções sobre o que pode, ou não, ser dito/escrito numa conjuntura; logo, as formações discursivas podem exercer recalque sobre o que é materializado/apagado linguisticamente.

– mais especificamente, em sua apresentação pela escrita – para pensarmos sua relação com o que chamamos de autolesões. Manteremos a nomenclatura mais frequentemente encontrada na literatura (autolesão), estabelecendo, como vimos, uma relação de ancoragem com concepções teóricas da segunda vertente apresentada. Passemos, então, a uma breve explanação do modo como concebemos sujeito e linguagem, antes de apresentarmos o objetivo do presente trabalho.

Apoiando-nos em concepções da Análise do Discurso localizadas em proposições de Pêcheux (1999, [1969]/2014a, [1975]/2014b, [1983]/2015) e de Authier-Revuz ([1990]/2012), concebemos o sujeito como descentrado, efeito do dizer. Não se trata, portanto, de indivíduos empíricos, mas de posições ocupadas dentro de formações discursivas. Tais formações, por sua vez, seriam representações, na linguagem, de aspectos ideológicos, na medida em que “determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura” (Pêcheux; Fuchs, [1975]/2014c, p. 164). Em síntese, concebemos que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes [...] pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (Pêcheux, 2014b, p. 147). O sujeito é, então, constituído na/pela relação com o outro/Outro. Para entendermos as noções de “outro” e de “Outro”, faz-se necessária uma breve explicação dos conceitos de intradiscurso e de interdiscurso no interior dessa teoria.

O intradiscurso é a parte do discurso em que a materialidade linguística se manifesta, ou seja, a marca (falada ou escrita) propriamente dita. No intradiscurso, podemos pensar em um “endereçoamento” no qual o sujeito estabelece um outro diante de si, mas lembrando que as noções de sujeito/outro são posições construídas discursivamente. Trata-se, pois, do

funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora com relação ao que eu disse *antes* e ao que direi *depois*; portanto, o conjunto de fenômenos de “correferência” que garantem aquilo que se pode chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito). (Pêcheux, 2014b, p. 153).

O autor lembra, em nota, que “a incidência de certas aposições ou incisivas pode representar a irrupção, no fio do discurso, de um processo inconsciente” (Pêcheux, 2014b, p. 153).

O interdiscurso, por sua vez, abrange a relação entre intradiscurso, em que operam a ideologia e o inconsciente. É o interdiscurso que determina as formações discursivas nas quais o sujeito será determinado/constituído.

A partir dos conceitos de intra e interdiscurso, podemos considerar o outro (grafado com letra minúscula) como aquele que se mostra no intradiscurso e que é construído na relação com o Outro (grafado com letra maiúscula), que compõe o interdiscurso – o Outro da ideologia e do inconsciente. Revendo suas reflexões sobre o intra e o interdiscurso, após alguns anos, Pêcheux aprofundou seu olhar sobre o discurso, por meio do conceito de **acontecimento**. Definido como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16), o acontecimento relaciona a atualidade, em que se mostra a materialidade linguística (conceito que remete ao intradiscurso), à memória discursiva (conceito que remete ao interdiscurso).

Para melhor compreensão do conceito de acontecimento, traçamos um percurso teórico a respeito do que seriam, para o autor, atualidade e memória. Não há, em sua obra, definição voltada especificamente à atualidade, mas se pode inferi-la no modo como Pêcheux define acontecimento. Ele parte do enunciado “Ganhamos!”, que emergiu, em toda a França, no ano de 1981, no momento em que a televisão noticiava a vitória do governo socialista nas eleições para presidente. Segundo o autor,

o enunciado “On a ganné” [‘Ganhamos’] é profundamente opaco: sua materialidade léxico-sintática (um pronome ‘indefinido’ em posição de sujeito, a marca temporal-aspectual de realizado, o lexema verbal ‘gagner’ [‘ganhar’], a ausência de complementos) imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. – isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável. (Pêcheux, 2015, p. 23).

A opacidade remonta ao que é marcado – a sequência de sons que constitui a palavra – em contraste com o que é apagado, não-dito (um possível apagamento seria, por exemplo, a palavra “perdemos”). O que torna tal enunciado um acontecimento é o momento de sua emergência na história da França e o modo como o que é marcado linguisticamente circula, naquele momento, no país.

“Ganhamos” se mostra carregado de sentido, pois é constituído pela memória – que inclui, por exemplo, o fato de o governo ganhar as eleições; o tempo de espera para o governo socialista voltar a ocupar lugar de comando no país; todas as articulações, encontros, lutas para que o governo socialista voltasse a vencer as eleições. Tal enunciado emerge televisionado e há, no noticiário, como argumenta o autor, uma aproximação com o modo como os telejornais documentam os eventos esportivos: tratando a rivalidade entre um time “X” e um time “Y”. Na situação esportiva, “Ganhamos” se mostra como um grito de torcida diante da vitória de seu time. Logo, a marca linguística “Ganhamos” emerge em todo o país, após a notícia – televisionada de modo próximo aos noticiários esportivos –, no contexto político, da vitória de um partido “X” sobre outro “Y”.

Embora não defina as delimitações linguísticas de um acontecimento (Todo enunciado coincidiria com um

acontecimento? Em que momento, na materialidade linguística, seria iniciado e finalizado um acontecimento?), Pêcheux (2015) aproxima enunciado e acontecimento:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. (Pêcheux, 2015, p. 53).

O que importa, pois, no acontecimento, não é sua materialidade linguística propriamente dita, mas as relações entre o que emerge da e o que é apagado na língua. Numa releitura que fazemos de Pêcheux, podemos conceituar a atualidade como a marca linguística (presente no intradiscurso) em sua relação com o tempo/espaço do momento histórico em que ela emerge. O acontecimento seria, então, o ponto de encontro entre essa atualidade (marca linguística em seu tempo/espaço de emergência) e a memória.

Por sua vez,

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita. (Pêcheux, 1999, p. 52).

Propomos, então, uma releitura do conceito de acontecimento em Pêcheux (2015). Nessa releitura, veremos o acontecimento linguístico como uma relação de alteridade entre uma atualidade

(materialidade linguística no tempo/espaço – que abrange os conceitos de outro e de intradiscurso) e uma memória discursiva (que abrange os conceitos de Outro e de interdiscurso).

A partir dessa releitura, entenderemos cada evento de escrita como um acontecimento, já que cada evento pode ser caracterizado como uma relação de alteridade entre uma atualização e uma memória. Com tal compreensão, firmamos nosso enfoque linguístico-discursivo dos eventos de escrita que analisaremos. Nesse enfoque, o linguístico corresponderia ao lugar em que se mostram as estruturas da língua propriamente dita – determinado pelo espaço-tempo em que elas emergem, sempre constituídas na opacidade, entre o que se mostra e o vir a ser. Já o discursivo corresponderia à condição para que as estruturas da língua venham a emergir – é o lugar da memória, que permite a concretização daquilo que é mostrado e, do mesmo modo, faz coerção sobre o que precisa ser apagado.

Desse modo, partindo da premissa de que a escrita seria um lugar privilegiado para significação da dor, o objetivo deste estudo é investigar possíveis marcas de alteridade (entre a atualidade e a memória discursiva) na representação escrita da autolesão, ou seja, no acontecimento (escrito) sobre a autolesão.

Material e método

Investigamos escritos resultantes de um trabalho terapêutico desenvolvido em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). Trata-se de escritos produzidos por uma adolescente de 15 anos, encaminhada ao CAPSij, após internação hospitalar, devido a ocorrências de autolesões, relatos

de pensamentos suicidas e sinais físicos de restrições alimentares exacerbadas. Quando iniciou o atendimento no CAPSij, os cortes na pele eram a queixa principal da adolescente e de seus pais.

Ao longo do processo terapêutico, uma das terapeutas (a fonoaudióloga) convidou a adolescente (e outros adolescentes em atendimento no serviço) a escrever para ela, quando tivesse pensamentos relacionados com os cortes. A instrução foi a seguinte: “Quando pensar em se cortar, escreva uma carta para mim”.

A adolescente aderiu à proposta e produziu 29 escritos ao longo de um ano (entre 2020 e 2021). Tais escritos, digitalizados pelo celular, foram enviados via *Whatsapp* a um equipamento (*tablet*) do serviço (CAPSij). Ao receber os escritos, a terapeuta agradecia, avisava sobre o recebimento e agendava atendimentos (presenciais e *online*) para conversarem sobre o conteúdo dos textos. Além das sessões individuais, a adolescente participava de um grupo terapêutico, com outros adolescentes, conduzido por equipe interdisciplinar.

Nos escritos, a dor emergia sob diferentes configurações: relacionada diretamente às autolesões; marcada por pensamentos que podem ser entendidos como suicidas; caracterizada pela relação de evitação da alimentação e por uma relação de não aceitação do corpo/imagem corporal; e, ainda, marcada por relatos de conflitos familiares e conflitos vivenciados no ambiente escolar.

Para que os escritos pudessem ser concebidos como dados de pesquisa, a investigação foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de São José do Rio Preto, com parecer

número 6.672.341 e Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 75243723.6.0000.5466. Após aceitar participar da investigação, o responsável pela adolescente e ela própria (agora com idade superior a 18 anos) assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os 29 escritos foram analisados, buscando-se, neles, marcas linguísticas em que emergia a autolesão – considerada como corte e outros tipos de ferimento autorrealizado na pele. Para definição das ações de ferir o próprio corpo, que entendemos como autolesão, apoiamo-nos em Le Breton (2010) e no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023). Desse modo, entendemos como autolesão: cortar, arranhar, queimar, beliscar, fincar, esfregar excessivamente ou morder o próprio corpo; bem como bater partes do corpo contra ele próprio ou contra um objeto.

Para atender ao objetivo deste trabalho (investigar possíveis marcas de alteridade na representação escrita da autolesão), concebemos, teoricamente, cada um dos 29 escritos como um acontecimento, ou seja, como um “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16).

A análise dos dados se deu da seguinte forma:

(1) identificamos, na atualidade (ou seja, no intradiscurso), marcas linguísticas da autolesão, com trechos que as circundavam, conforme o exemplo: “Eu estou com muita vontade de me mutilar estou sentindo uma angústia uma ansiedade”. Caracterizamos tais marcas/trechos circundantes como “fragmentos discursivos”;

(2) nos acontecimentos em que tais fragmentos discursivos foram encontrados, analisamos as possíveis relações de alteridade entre a atualidade e a memória discursiva (ou seja, o interdiscurso).

Por fim, dadas as restrições (sobretudo de extensão) de um artigo, identificamos as tendências para as quais a observação dos fragmentos discursivos apontou. Tais tendências estão relacionadas com (duas) diferentes movimentações de sentido observadas nesses fragmentos. De cada uma delas, como se verá a seguir, analisamos dois exemplos.

Resultados e discussão

Do total de 29 acontecimentos que compuseram o *corpus* e nos quais a dor emergia sob diferentes configurações, encontramos 12 fragmentos discursivos que remetiam à questão de nosso principal interesse: a configuração da autolesão⁵. Nesses 12 fragmentos, identificamos duas movimentações de sentido: (1) em sete, a escrita revivendo a autolesão; (2) em cinco, a escrita ressignificando a autolesão. Vejamos, a seguir, dois exemplos da primeira movimentação de sentido.

Fragmento (a):

[...] eu tive 3 Crises bem pesadas na maioria das vezes eu fiquei me machucado ou me batendo ou gritando ou chorando [...]

No fragmento em destaque, diferentes relações de alteridade podem ser detectadas na maneira como certas formas de autolesões (“me machucado ou me batendo”), acompanhadas de outras formas de significar a dor (“gritando ou chorando”), emergem na atualidade do acontecimento como especificações do que é nomeado como “Crises”, inclusive com destaque

⁵ Entre essas diferentes configurações, veem-se, por exemplo: relatos de pensamentos suicidas e de restrições alimentares exacerbadas.

semântico marcado ortograficamente pela inicial em maiúscula na digitação dessa palavra.

No acontecimento em análise, tal forma de nomeação indicia, pelo menos, dois domínios de sentido. Por um lado, pode-se entender que o termo “crises” remeteria a um traço da memória discursiva presente no campo discursivo da medicina, já que essa forma de nomear a dor é bastante comum nesse campo. Trata-se, portanto, de uma marca, na materialidade linguística, da captura da escrevente por esse campo discursivo. A propósito, a letra “C”, maiúscula, mostra-se como mais um elemento de realce da importância que esse campo tem como configuração da autolesão e como lugar preferencial de (sua) enunciação. Por outro lado, além de apontar para esse tipo de captura, a letra “C”, maiúscula, indicia um desdobramento do sujeito escrevente em relação a si e a (sua) dor. Nesse sentido, a nomeação “Crises” recobriria, ao mesmo tempo, a revivência da dor na escrita e a intensidade com que ela se afigura ao sujeito escrevente.

Outra marca linguística chama a atenção no fragmento discursivo em destaque. Trata-se da irrupção do termo “machucado”, circundado por uma sequência de termos organizada pelo gerúndio: “batendo”; “gritando”; “chorando”. Embora se detecte regularidade nessa organização, escapa a ela o termo “machucado” – sem a letra “n” (machucando)⁶.

Ampliando o olhar para o todo do acontecimento em que surge o fragmento discursivo em análise, temos fragmentos como: “eu ainda continuo a surtar com meu peso”; “minha obsessão pelo meu corpo está cada dia maior”; e, especialmente, “fazendo uma análise eu só mudei a forma de me machucar ou até mesmo de me matar aos poucos”.

O termo “machucar”, presente no final deste último fragmento, recupera o anterior – “machucado”. A ruptura na

6 Uma vez que nosso *corpus* é composto por acontecimentos empiricamente digitados, trabalhamos a todo o momento com a possibilidade de interferências do corretor automático na digitação. Longe, portanto, de uma análise ingênua, que desconsidera a condição de produção (inclusive mecânica) de tais acontecimentos, como nosso objetivo é analisar relações de alteridade entre a marca linguística e a memória discursiva, exige-se que busquemos (também) marcas que fogem à regularidade.

regularização marcada pelos gerúndios já dá pistas de formas outras de se machucar que vão além das autolesões. Podemos pensar em um paralelismo de sentidos entre a dor marcada como autolesão e, na mesma intensidade, outra forma de dor: a da necessidade do emagrecimento.

Destaque-se, a propósito, o adjetivo “pesadas”, que acompanha o termo “Crises”. Tal adjetivo atribui ao peso algo negativo – ruim ou indesejado. O peso das crises é igualado ao peso (imaginado, segundo a ótica do sujeito) do corpo, ambos com conotação depreciativa.

Ao mesmo tempo que o termo “machucado” escapa da regularidade na sequência de gerúndios que marca a continuidade/duração, também pode indiciar o efeito da ação acabada/realizada, o próprio “machucado” aberto na pele. Nesse acontecimento, memórias discursivas sobre a dor se mostram, então, fortemente presentes, seja na captura pelo discurso da medicina, seja na aproximação que escapa, na língua, entre a autolesão e o emagrecimento.

Fragmento (b):

[...] não tenho mais pele para arrancar de meus pés e
minhas mãos ambos estão em carne viva [...]

Nesse fragmento, a autolesão emerge sob outra forma na atualidade do acontecimento: escarificação dos próprios pés e mãos. Contudo, como no fragmento (a), ela se mostra como já vivenciada nessa sua re(a)presentação no acontecimento.

Um destaque deve ser feito à expressão “Não tenho mais X para Y”. Tal expressão assenta-se sobre o pré-construído de que se arranca pele das mãos e dos pés. Assim, semanticamente, a expressão de negação pode ser interpretada como marca

linguística de uma intensificação do(s) sentido(s) da autolesão (“não tenho mais pele para arrancar”), já que mãos e pés “estão em carne viva”. Mais uma vez, mostras da memória discursiva, agora na forma de um pré-construído, se marcam na atualidade desse acontecimento.

Vê-se, nesses dois fragmentos, que a escrita se oferece não apenas como um espaço de narrativa de fatos, ela também dá lugar à apresentação da intensidade com que eles se afiguram ao sujeito escrevente. A dor significada como autolesão é revivida ao ser significada pela língua, e esse reavivamento se mostra de modo tão intenso no narrado quanto no vivido.

Em *Papel da memória* (Achard *et al.*, 1999), obra que contém o clássico texto de Pêcheux de mesmo nome, há um debate sobre o papel da imagem na construção/manutenção da memória, mais especificamente, na introdução da obra, de autoria do linguista José Horta Nunes:

Davallon lança a hipótese de que os objetos culturais (livros, escritos, imagens, filmes, arquiteturas, etc.), como operadores de memória social, trabalham no sentido de entrecruzar memória coletiva (lembrança, conservação do passado, foco da tradição, monumento de reminiscência) e história (quadro dos acontecimentos, conhecimento, documento histórico). (Nunes, 1999, p. 8-9).

Aproximando-nos do olhar de Davallon (1999), podemos (também) interpretar as autolesões como imagens, já que, quando inscritas no corpo, suas marcas atualizam uma memória. Com efeito, nelas o sujeito materializa uma dor psíquica como uma dor física, ao mesmo tempo que esculpe nelas uma marca da coletividade, já que o objeto autolesões circula, discursivamente, tanto entre teóricos quanto entre outros

setores da sociedade – como, por exemplo, entre adolescentes. Podemos pensar, portanto, que, enquanto marcas da dor, as autolesões são memórias da dor, a do sujeito e a da coletividade. Vale lembrar que algumas autolesões (em especial os cortes na pele), mesmo após curadas, deixam cicatrizes. Nelas, a questão da memória é também importante, pois, após as autolesões, tais imagens continuam a rememorar, a recontar a dor simbolizada como corte.

Ainda no mesmo livro, ao retomar conceitos propostos por Davallon, Pêcheux acrescenta:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem [...] colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (Pêcheux, 1999, p. 51).

Nos fragmentos apresentados, temos, portanto, ocasiões em que a memória discursiva é primeiramente marcada como uma imagem – a autolesão ocorreu e produziu uma imagem de dor, no corpo. Mas, posteriormente, a dor é revivida e marcada na escrita. A memória discursiva se faz, então, presente na atualização da autolesão como escrita.

Em síntese, nos fragmentos (a) e (b), as relações entre a atualidade e a memória mostram diferentes formas de alteridade entre a memória da dor e sua atualização – tais como a alteridade com os discursos da biomedicina e do emagrecimento do corpo, bem como com pré-construídos discursivos. Desse modo, a escrita, vista como acontecimento, se constitui como um lugar de recontar a (própria) dor.

Passemos, a seguir, à apresentação de dois exemplos da segunda movimentação de sentido: a da escrita que ressignifica a autolesão.

Fragmento (c):

Eu estou com muita vontade de me mutilar estou sentindo uma angústia uma ansiedade bom eu fiz as pazes com meu pai aí deu tudo certo ok mais parece que ele tem o Dom de sempre me deixa como a bruxa da história aí que não sei descrever ao certo oque estou sentindo é tudo tão confuso sei que não é minha culpa [...]

Nesse fragmento, dentre outras formas de nomeação da dor (“uma angústia”, “uma ansiedade”, “minha culpa”), a autolesão emerge, na atualidade do acontecimento, apenas como possibilidade, ou seja, linguisticamente, como “vontade de me mutilar”. Mostra-se, assim, uma relação causal por justaposição, na qual a “vontade de me mutilar” decorre de “uma angústia uma ansiedade”. Observe-se, no entanto, nessa relação, a indeterminação de “angústia” e “ansiedade”, marcada pelo artigo “uma”. De modo intensificado, essa indeterminação aparece mais adiante, linguisticamente marcada, na atualidade, pelo sintagma adjetivo “tão confuso”. Posteriormente, ela vem a se explicitar – e, mais uma vez, por uma relação causal, marcada pela emergência de “minha culpa”. Com efeito, “angústia” e “ansiedade” se mostram como decorrentes da “minha culpa”, ou seja, de uma captura do sujeito pela memória discursiva da tradição judaico-cristã de transgressão ou falha para com alguém ou algo.

Desse modo, elementos em relação de paráfrase (“mutilar”, “angústia”, “ansiedade” e “culpa”) aos poucos vão se apresentando como em relação não mais de paráfrase, mas de

concatenação. E é por meio dessa concatenação que a expressão da dor em autolesão perde a força: a palavra marca o afastamento em relação ao ato. Nesse afastamento, a “vontade de se mutilar” é, então, ressignificada no ato de escrita.

Fragmento (d):

[...] fui no banheiro pegar a gilete para me cortar aí lembrei da carta.

Nesse fragmento, marcado linguisticamente pelo juntor “aí”, nota-se a simultaneidade temporal entre os eventos narrados: “fui no banheiro pegar a gilete para me cortar” e/nesse momento “lembrei da carta”. Trata-se, também, de um contraste que remete tanto à possibilidade de provocar autolesão quanto à possibilidade de escrever. A irrupção do termo “gilete” está relacionada a um pré-construído: as lâminas (como as de se barbear, da marca “Gillette”) são utilizadas na autolesão. Como vimos em Le Breton (2010), os adolescentes que se cortam o fazem com uso de uma navalha. No DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023), o corte é descrito como o método mais comum de autolesão, normalmente feito por faca, agulha, lâmina ou outro objeto afiado⁷. A cena de ir ao banheiro pegar a lâmina de barbear aponta para a possível conclusão na execução do corte; porém, a narração da cena é interrompida no momento em que irrompe o juntor “aí”.

O juntor “aí” apresenta, portanto, no espaço linguístico-discursivo que ocupa na escrita, uma movimentação que subjaz os três sentidos mobilizados nesta análise:

⁷ Na prática terapêutica com adolescentes que realizam autolesões, foi possível observar que os materiais mais comumente usados para a realização dos cortes são lâminas de barbear e lâminas de apontadores escolares.

(i) o sentido que se atrela ao narrar, enquanto simultaneidade temporal entre eventos narrados – “fui no banheiro pegar a gilete para me cortar” e/nesse momento “lembrei da carta”;

(ii) o sentido que se atrela ao contraste entre o que se espera a partir de “fui no banheiro pegar a gilete para me cortar” (o relato do corte, do machucado, da autolesão) e o que segue – “lembrei da carta”; e

(iii) o sentido que se atrela à relação causa/consequência e que se sustenta no não-dito – “lembrei da carta [portanto, não me cortei]”.

Os sentidos em (i), (ii) e (iii), ao mesmo tempo que encontram espaço tático-semântico no contexto linguístico da junção, marcado por “ai”, também encontram espaço na relação não excludente entre suas possibilidades de “virem a ser” nessa escrita. A instabilidade, portanto, caracteriza a marca dessa escrita na relação entre atualidade e memória.

Não emerge, na continuidade da atualidade, a solução do contraste “cortar-se” ou “escrever a carta”; mas também não se trata de uma ausência sem sentido ou de um fechamento de sentido na atualidade. Abrem-se, ao contrário, sentidos de antemão construídos, na relação sujeito-escrevente e sujeito-terapeuta, pela memória do acontecimento discursivo (sobretudo do momento da terapia em que é realizado o convite à escrita: “Quando pensar em se cortar, escreva para mim”). Tal memória permite a atribuição de sentido de que o ato da autolesão não ocorreu, já que, linguisticamente apresentada sob forma de uma relação causa/consequência, o sujeito-escrevente lembrou-se da carta; portanto, não se cortou.

Em síntese, nos fragmentos (c) e (d), as relações entre a atualidade e a memória mostram outras formas de alteridade entre a memória da dor e sua atualização – tais como a alteridade com o discurso da culpa (da tradição judaico-cristã), com um pré-construído discursivo e com o sujeito terapeuta (“aí lembrei da carta”). Desse modo, a escrita, vista como acontecimento, ressignifica o lugar da autolesão. A dor (que não é vivida no corpo) se transforma privilegiadamente em dor (no vivido da escrita). Dito de outro modo, o sentimento se configura em palavras – no sentido de que, na atualidade do acontecimento, se marcam memórias da dor – e (assim) a autolesão não ocorre.

Considerações finais

Como vimos, a atualidade da autolesão no acontecimento se apresentou sob dois movimentos de sentido nos fragmentos analisados. No primeiro movimento, a autolesão se mostrou como revivida (já havia a marca no corpo, posteriormente significada na/pela escrita); no segundo, ela se mostrou como ressignificada (não chegou a haver a autolesão, uma vez que, diretamente significada na/pela escrita, deixou de ser inscrita no corpo). Ou seja, a escrita pode se tornar um lugar privilegiado para a autolesão encontrar um espaço para (sua) (re)significação.

Entendida como forma de manifestação da dor, a autolesão emerge quando não é possível outra forma de (sua) significação: “Onde as palavras falham, o corpo fala” (Le Breton, 2010, p. 27). Essa forma de entendê-la, na análise linguístico-discursiva que fizemos, mostrou, porém, que a autolesão pode ser (re)significada na/pela escrita com tanta intensidade quanto no modo como ela é significada no/pelo corpo. A escrita ocupa, pois, conforme a

hipótese que orientou nossa investigação, um lugar privilegiado para a significação dessa forma de dor.

Referências

ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARAÚJO, Juliana. *Cortes que viram cartas: ensaios sobre automutilação na clínica psicanalítica*. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

ASSUMPÇÃO, Ana Paula. *O discurso da falta e do excesso: a automutilação*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2016.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, 2012. Trabalho publicado originalmente em 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 28 maio 2025.

BERLINCK, Manoel. A dor. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 46-58, jul./set. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47141999003003>. Acesso em: 28 maio 2025.

CHACON, Lourenço. Quatro questões sobre erro ortográfico na escrita infantil. In: FARIA, Evangelina; SILVA, Wagner Rodrigues (org.). *AlfabetizaÇÕES*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021. p. 183-197.

CHACON, Lourenço. Características linguístico-discursivas da escrita: um olhar para a escrita infantil. In: VIEIRA, Alessandra Jacqueline; DEL RÉ, Alessandra; HILÁRIO, Rosângela Nogarini (org.). *E por falar em linguagem da criança...* 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2023. p. 44-58.

COUTINHO, Luciana; MADUREIRA, Bruna. Os cortes na adolescência e a busca por um lugar na cidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 02, fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236109167>. Acesso em: 28 maio 2025.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 23-37.

DEMANTOVA, Aline. *Automutilação na adolescência: corpo atacado, corpo marcado*. Curitiba: CRV, 2020.

GUERRERO, Evelyn *et al.* Zero Self-Harm app: a Mobile Phone Application to Reduce Non-Suicidal Self-Injury – Study Protocol for a Randomized Controlled Trial. *Trials*, v. 25, n. 116, 2024. Disponível em: <https://trialsjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13063-024-07932-1>. Acesso em: 25 maio 2025.

LE BRETON, David. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KJyqh8ryDjNzrsdJx7wF7wv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio 2025.

LOPES-DAMASIO, Lúcia Regiane; PEDRO, Carolina da Costa. A materialidade linguística pelo viés da opacidade: uma abordagem da aquisição da escrita. *Revista da ABRALIN*, v. 23, n. 2, p. 797-821, 2024. DOI: 10.25189/rabralin.v23i2.2240. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2240>. Acesso em: 26 set. 2025.

MINATTI, Sueli. O psicanalista no tratamento da dor. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 825-837, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400006>. Acesso em: 28 maio 2025.

MÜHLEN, Mara Cristiane; CÂMARA, Sheila. Revisão narrativa sobre a automutilação não suicida entre adolescentes. *Aletheia*, v. 54, n. 1, p. 136-145, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/v54n1/v54n1a16.pdf>. Acesso em: 28 maio 2025.

NOCK, Matthew *et al.* Suicide and Suicidal Behavior. *Epidemiologic Reviews*, v. 30, n. 1, p. 133-154, jul. 2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2576496/>. Acesso em: 28 maio 2025.

NUNES, José Horta. Introdução. In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 7-10.

PARK, Jung; WYMAN, Austin; BEAUCHAINE, Theodore. The Natural Language Processing in Etiology: Distinguishing Suicidal Ideation (SI) and Nonsuicidal Self-Injury (NSSI) on Social Media. *PsyArXiv*, Notre Dame, USA, p. 1-19, nov. 2023. Disponível em: <https://osf.io/preprints/psyarxiv/b89js>. Acesso em: 28 maio 2025.

PECHÊUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PECHÊUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pechêux*. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014a. p. 59-158. Trabalho original publicado em 1969.

PECHÊUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014b. Trabalho original publicado em 1975.

PECHÊUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pechêux*. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014c. p. 159-247.

PECHÊUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015. Trabalho original publicado em 1983.

VENOSA, Viviane. *O “ato de cortar-se”*: uma investigação psicanalítica a partir do caso Amanda e do caso Catarina. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.